

Onde estão as mulheres arquitetas? A atuação feminina na arquitetura teresinense nas décadas de 1970 e 1980

Where are the women architects? Female performance on Teresina architecture in the 1970s and 1980s

¹ Amanda Moreira  

² Jéssica Mayra Soares Monteiro

¹ Professora da Universidade Federal do Piauí e do Centro Universitário Santo Agostinho. Universidade Federal do Piauí.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Santo Agostinho.

Resumo

Este artigo insere-se na temática de estudo da historiografia da arquitetura brasileira, ao abordar a atuação e a produção arquitetônica feminina, no Piauí, em meados do século XX. Toma como objeto de investigação as arquitetas atuantes nas décadas de 1970 e 1980, na cidade de Teresina, capital do Piauí, profissionais pouco referenciadas na literatura referente à arquitetura brasileira, com o objetivo de levantar e analisar a atuação dessas arquitetas. Para tanto, vale-se de especialmente de entrevistas, busca em acervos públicos e privados de referência, imagens e projetos, além de extensa pesquisa bibliográfica. Como principais resultados, aponta-se a identificação dessas profissionais invisibilizadas pela história e a construção de um panorama de suas obras e formações, evidenciando a importância das suas produções para o cenário arquitetônico local e contribuindo para a valorização do trabalho feminino.

Palavras-chave:

Arquitetura de Teresina. Mulheres arquitetas. Trabalho feminino.

Abstract

This article is part of the study topic of Brazilian architecture historiography, approaching the female performance and architectural production in the middle of the 20th century. It takes as object of investigation the architects working in the 1970s and 1980s in the city of Teresina, capital of Piauí, little referenced professionals in the Brazilian architecture literature, aiming to survey and analyze their performance. In order to do so, it makes use of interviews, searches in public and private collections of reference, images and projects, in addition to extensive bibliographic research. As main results, we point out the identification of these professionals made invisible by history and the construction of an overview of their works, highlighting the importance of their productions for the local architectural scene and contributing to the appreciation of the female work.

Keywords:

Architecture from Teresina. Women architects. Female work.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante da pesquisa intitulada "Onde estão as mulheres arquitetas? Levantamento e análise da produção arquitetônica feminina das décadas de 1970 e 1980, em Teresina"³. No estudo, foram realizadas investigações para identificação das arquitetas atuantes na cidade de Teresina durante as décadas apontadas e suas respectivas produções, considerando que a produção da historiografia da arquitetura piauiense, concentrada especialmente nos projetos desenvolvidos na capital, contempla notadamente os projetos e as obras desenvolvidos por arquitetos e/ou engenheiros do sexo masculino, além dos edifícios construídos e/ou projetados por esses profissionais encontrarem maior destaque na sociedade, leiga ou não.

Tal constatação pôde ser feita a partir de uma breve busca pela produção acadêmica sobre os primeiros arquitetos que nessa cidade atuaram, na qual encontramos significativa produção de artigos, dissertações e monografias centradas nas produções de arquitetos/engenheiros atuantes na capital. Diante disso, constituiu-se, como problema a ser enfrentado na pesquisa, o levantamento da produção arquitetônica feminina das décadas de 1960 a 1980 em Teresina: Quem foram as primeiras arquitetas que atuaram em Teresina? Quais as suas formações? Em que nicho de mercado atuaram mais fortemente? Onde estão concentradas suas obras? Reunidas, essas constatações principais nortearam o objetivo geral desta pesquisa, que foi levantar a produção arquitetônica das mulheres arquitetas atuantes nas décadas de 1970 e 1980, em Teresina, e, mais especificamente, investigar quais foram as arquitetas mais atuantes na capital entre as décadas de 1970 e 1980.

2 METODOLOGIA

Diante dos objetivos norteadores do trabalho e da escassez de fontes e registros bibliográficos acerca do tema estudado, a metodologia para o seu desenvolvimento baseou-se em frentes diversas, que incluíram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e arquivística, além de entrevistas. Reunidas, essas etapas resultaram na identificação dessas mulheres e de algumas de suas obras.

2.1 Profissão: arquiteta.

A modernidade é um período marcante para a inserção das mulheres no mundo do trabalho, por diversos fatores. Surge, nesse período, uma história que começa a apontar a mulher como um ser atuante e portadora de uma trajetória. Fruto da revolução industrial, a mulher começa a entrar no mercado de trabalho como operária e, finalmente, é nesse período que nasce o feminismo, enquanto movimento político, coletivo e social que luta pela igualdade dos direitos de ambos os sexos (FRAISSE; PERROT, 1991).

Em relação aos estudos, também é historicamente desequilibrado o acesso a ele no que é tocante à condição de gênero – a ascensão tardia à vida acadêmica para as mulheres é mais um retrato da desigualdade a que elas foram submetidas. Segundo Bezerra (2010), as mulheres começaram a ter acesso às universidades apenas no ano de 1837, nos Estados Unidos, a partir da criação das *Womens Colleges*. No Brasil, apenas em 1881 uma mulher se matriculou em um curso superior brasileiro.

No tocante à inserção das mulheres nas escolas de arquitetura brasileiras, Sá (2010) nos mostra que não houve restrição formal ao sexo feminino, mas dados apontados pelas pesquisas evidenciam que, em escolas como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apenas entre as décadas de 1970 e 1980, as mulheres tornam-se a maioria das alunas, algo

3 Pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Centro Universitário Santo Agostinho.

que possivelmente expressou uma tendência nacional. Autores como Salvatori (2008) e Durand (1988) atribuem o aumento nessa escolha das mulheres pela arquitetura e urbanismo, por motivos como o novo papel da mulher no mercado de trabalho no período pós segunda guerra e também pela proximidade com as atividades de decoração, atividades com raízes femininas. Ballario (1997) associa ainda, nesse momento, a arquitetura a uma atividade, principalmente, de elite. Sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, Salvatori (2009, p. 27) afirma que

a inserção das mulheres brasileiras no mercado (de arquitetura) acompanhou a lógica social. Ainda que se comprovem exceções concretas em campo, de modo geral estariam elas mais relacionadas aos trabalhos desenvolvidos em ambientes privados – como podem ser os escritórios -, aos espaços residenciais – locus do feminino na cultura ocidental -, às habilidades artísticas e ao refinamento estético. Por isso, poderiam aparecer como mais aptas a satisfazer as demandas desta nova população em movimento de ascensão e aquisição de capital cultural e simbólico, notadamente na expansão da demanda por arquitetura residencial. Ocorre, ainda, uma crescente prestação de serviços de arquitetura de interiores, indicadora de estilos de vida superiores a que estes estratos aspiram.

Ainda, nesse sentido, Fontes (2016, p. 83) complementa as palavras do autor sobre a mulher arquiteta no mercado brasileiro, afirmando que

é difícil discorrer conclusivamente sobre a atuação e produção das arquitetas brasileiras, principalmente pela falta de pesquisa nesse sentido. Sabe-se, entretanto, mesmo que de forma empírica que, já sendo a maioria atuante na profissão, o reconhecimento e os cargos de chefia continuam sendo espaços de privilégio masculino. Alguns dados incontestáveis apoiam essa afirmação. Instituições como Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU); Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) todas possuem atualmente – 2016 – diretores homens. O CAU/BR apresenta apenas seis mulheres entre os vinte e sete conselheiros regionais. O mesmo ocorre com as presidências, onde apenas sete são ocupadas por mulheres.

Fontes (2016), com o apoio de outros aparatos teóricos, expõe uma série de mecanismos pela qual as mulheres se tornaram invisibilizadas ao longo da história, inclusive nas grandes escolas de arquitetura, e o fato de que, nas palavras da autora,

é impressionante descobrir que praticamente todos os “grandes arquitetos” ou “grandes homens” da história da arquitetura e do urbanismo tiveram esposas também arquitetas trabalhando ao seu lado, ou melhor, à sua sombra, no desenvolvimento de seus projetos. Quando não esposas, existem sócias ou coautoras que não receberam qualquer crédito ou reconhecimento pelo trabalho desenvolvido (FONTES, 2016, p. 127).

Rubino (2019) fortalece os argumentos anteriores que evidenciam o silenciamento dos trabalhos dessas arquitetas, deixando claro que a atuação feminina na arquitetura foi deixada em segundo plano não só pelo mercado, mas também pelos prêmios e pela história, e destaca algumas iniciativas, como exposições e publicações alternativas que passaram a, de certa forma, iluminar o trabalho esquecido dessas profissionais. A autora aponta, ainda, no âmbito internacional, o trabalho silenciado das arquitetas Denise Scott Brown, Jane Drew, Anne Tyng e Fulvia Villa, e ressalta o fato de Zaha Hadid ter sido a primeira a ganhar o maior prêmio da arquitetura mundial, o Pritzker, apenas no ano de 2004. No âmbito nacional, Silvana Rubino pontua a silenciosa importância da engenheira Janete Costa e evidencia o trabalho da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi como um dos poucos que obteve o seu devido reconhecimento. Segundo ela,

no caso brasileiro, o esforço capitaneado por Marcelo Ferraz e colaboradores, nos anos de 1990, resultou em uma exposição no Masp, um documentário em vídeo [...] e um livro-catálogo que recolocaram Lina Bo Bardi, pouco depois da sua morte, no debate de arquitetura, museus e cultura popular, abrindo espaço para uma saraivada de teses, artigos e exposições sobre a arquiteta. Ao longo do século 20, enquanto mulheres chegavam ao mundo do trabalho, reivindicavam participação política e o próprio corpo entrava em revolução silenciosa por meio de cortes de cabelo, indumentária e posturas, os grupos de arquitetura permaneceram ainda um tanto presos a um modelo renascentista de ateliê ou escritório, hegemonicamente masculinos. (RUBINO, 2019, p. 1).

Partindo da realidade nacional para a região estudada, percebemos uma invisibilidade ainda maior com relação ao trabalho das arquitetas, facilmente identificável nos livros, teses, artigos e dissertações da área, nos quais os trabalhos masculinos são fortemente evidenciados. Rubino (2019, p.1), ao falar da

trajetória das mulheres arquitetas, é categórica ao dizer que “é mais do que tempo de, em um esforço conjunto, abriremos mais caixas-pretas”. É parte desse esforço conjunto que, aqui, apresentamos.

2.2 Onde estão as mulheres arquitetas?

Com um panorama distinto dos maiores e mais prósperos centros urbanos do país, apenas em meados do século XX, Teresina, que até então recebia engenheiros apenas por curtos períodos, passa a contar com a presença efetiva de profissionais diplomados no ramo da construção civil. É, ainda, na primeira metade do século XX que surgem, na capital, os primeiros escritórios e construtoras especializadas, estando em todos, homens à sua frente. Moreira (2016) destaca, dessa forma, o pioneirismo dos engenheiros Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, a partir da década de 1920 e Cícero Ferraz de Sousa Martins e Luís Pires Chaves, a partir da década de 1930, pelas suas largas atuações nas principais obras da cidade.

Apenas a partir do final da década de 1960 e, especialmente, a partir do início da década de 1970, junto com o estabelecimento mais significativo das tendências modernistas no Piauí, os profissionais arquitetos assumem o protagonismo no desenvolvimento dos projetos das grandes obras desenvolvidas, especialmente, para cidade de Teresina. Ao analisar a bibliografia sobre a temática da arquitetura modernista no estado⁴, foi muito clara a quase que total ausência de nomes femininos nessa produção⁵.

A partir da metodologia indicada, foi identificada, até o momento⁶, a atuação de 15 arquitetas e urbanistas que trabalharam entre as décadas de 1970 e 1980, no Piauí – relacionadas abaixo, sobre as quais pudemos tecer importantes considerações acerca de suas trajetórias e, assim, analisar o panorama da atuação feminina na arquitetura piauiense – não sem antes apontar, novamente, a quase que total ausência desses nomes na bibliografia da arquitetura local.

4 Apesar de uma consulta aprofundada a muitos títulos relacionados à arquitetura produzida a partir da década de 1970, em Teresina, destacamos aqui as obras de Lira (2018), Sousa (2017), Costa (2017), Feitosa e Carvalho (2017) e Afonso e Feitosa (2017).

5 Sousa (2017) analisa 10 obras de feições brutalistas no Piauí. Dentre elas, identificamos uma obra cujo projeto tem autoria feminina, a “Feira do Troca-Troca”, projeto da arquiteta Goretti Mendes. A arquiteta Janete Ferreira da Costa também é mencionada na mesma publicação, como arquiteta colaboradora do projeto do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí.

6 Apesar da extensa bibliografia e da larga gama de documentos consultados, consideramos importante a continuidade desta pesquisa, podendo acontecer a identificação de outros nomes por meio de outras fontes.

Tabela 1: Arquitetas atuantes no Piauí a partir da década de 1980

Nome	Nº CAU7
Alcília Afonso de Albuquerque	Não consta
Aline Elvas Castelo Branco	0000A21474 PI
Ana Lucia Ribeiro Camillo da Silveira	0000A59013 PI
Ângela Martins Napoleão Braz e Silva	0000A57797 PI
Jacinta Francisca Lopes de Araújo Lira	000A934577 PI
Lavinia Coelho Brandão Costa	000A117498 PI
Lourdes Amelia Brandao Nunes	00A1327364 PI
Maria Ceres Veloso Freire	0000A46639 PI
Maria Geni Batista de Moura	0000A62421 PI
Maria Goretti Maia Mendes	0000A70688 PI
Maria Yvelise Martins Raulino Costa	0000A77950 PI
Odinéia Cincinata Monteiro da Silva	000A776378 PI
Rosalina de Araújo Veloso Lima	0000A48399 PI
Silvia Maria Santana de Andrade Lima	000A132039 PI
Wilza Gomes Reis Lopes	0000A39950 PI

Fonte: elaborada pelas Autoras.

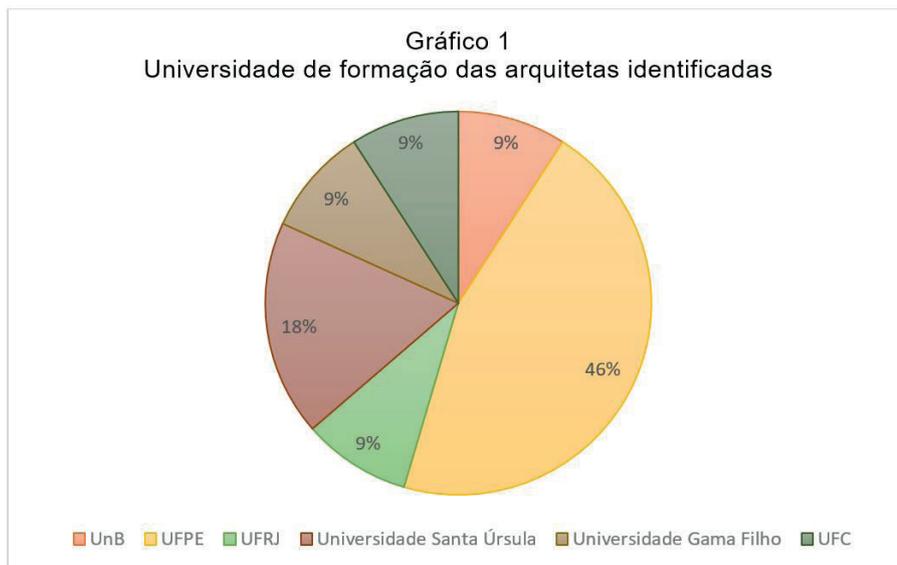
O primeiro fator a ser considerado – comum a todas as arquitetas identificadas – é que a totalidade delas se graduou em faculdades de outros estados – o primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo do Piauí foi implantado apenas no ano de 1993⁸. Consideramos a data de fundação do curso na Universidade Federal do Piauí um dos aspectos relacionados ao baixo número de arquitetas atuando no estado, no recorte temporal desta pesquisa.

As limitações documentais não permitiram a identificação da totalidade das cidades e respectivas universidades de formação das arquitetas identificadas. Ainda assim, percebemos uma predominância da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) frente às demais, especialmente dentre as profissionais que se graduaram ou iniciaram suas graduações ainda na década de 1970. Atribuímos esse fato à posição de grande importância que essa universidade teve desde a sua fundação, no cenário do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil. A UFPE abriga o segundo curso de Arquitetura e Urbanismo fundado no Nordeste, em 1932, precedido apenas pelo curso da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O terceiro curso de arquitetura e urbanismo do nordeste foi fundado mais de três décadas depois, no ano de 1964, na Universidade Federal do Ceará (UFC) (SIMAS, DIAS e SILVA, 2020). Finalmente, ainda sobre os locais de formação dessas profissionais, também percebemos que a grande maioria das arquitetas se graduou em instituições federais de ensino. Todas essas informações estão dispostas no gráfico a seguir:

7 Número de registro da profissional no Conselho de Arquitetura e Urbanismo.

8 O Curso de Arquitetura e Urbanismo foi implantado na Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 1993, por meio da Resolução n.º 014, de 05/10/1992, do Conselho Universitário e reconhecido em 19 de setembro de 2001, através da Portaria Ministerial n.º 2051.

Título da figura?



Fonte: Produzido pelas autoras com dados obtidos na pesquisa.

A temporalidade da formação e atuação dessas profissionais também foi um aspecto de destaque. A totalidade das arquitetas identificadas graduou-se nos últimos anos da década de 1970, e, majoritariamente, já na década de 1980, como evidencia o gráfico a seguir. Esse fato tem um importante peso para historiografia da arquitetura piauiense, ao evidenciar que a presença feminina na arquitetura acontece de maneira tardia no estado, especialmente quando se compara aos grandes centros ou mesmo à presença dos arquitetos homens na cidade de Teresina. Nesse sentido, é importante tecer um paralelo com relação ao panorama brasileiro – apesar de fundada em 1816, a primeira instituição que formaria arquitetos no Brasil, segundo Ferreira (2019), apenas na década de 1960 se desenha uma tendência à graduação de mulheres em arquitetura e, na década de 1980 – momento que essa presença se torna mais marcante no Piauí.

Título da figura?



Fonte: Produzido pelas autoras com dados obtidos na pesquisa.

Outra consideração importante acerca do trabalho das arquitetas identificadas nesta pesquisa, obtida através dos dados levantados, foi a expressiva atuação dessas profissionais na docência – mesmo que em um período posterior à nossa pesquisa: quase 60% das arquitetas atuou ou ainda atua no exercício da docência. Consideramos esse aspecto de extrema importância ao analisar os dados da pesquisa, pois a atuação na docência implica, com frequência, na formação de referências aos graduandos e futuros profissionais. Ressaltamos, ainda, uma significativa atuação dessas arquitetas no serviço público.

Finalmente, reafirmamos a quase completa ausência de nomes femininos na autoria de projetos registrados na historiografia da arquitetura piauiense. Como obra representante dessa produção, apresentamos aqui a Feira do Troca-troca (Figuras 1 e 2), projeto da arquiteta Goretti Mendes, construída entre os anos de 1984 e 1985, importante não só pela autoria feminina, mas por importância no cenário local. A edificação se situa na região central de Teresina, na margem do Rio Parnaíba, e

foi construída para abrigar um mercado de pulgas que acontecia na sombra de uma árvore neste mesmo local, onde as pessoas costumavam, em vez de vender, trocar objetos. A árvore que deu origem à feira foi preservada e incorporada à obra (SOUSA, 2017, p. 100).

Figura 1: Vista da feira do Troca-troca (a) Figura 2: Vista da feira do Troca-troca (b)



Fonte: SOUSA, 2017 Fonte: SOUSA, 2017

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo que compreendeu o desenvolvimento desta pesquisa – desde as primeiras pesquisas bibliográficas até a coleta de resultados - a citação incisiva de Antunes (2015, p. 3) materializou-se na nossa realidade.

As mulheres têm estado envolvidas com o desenho e forma do espaço de várias maneiras, enquanto praticantes, teóricas, consumistas, historiadoras, e objetos de representação. Todavia, a arquitetura tem sido dominada pelos princípios e regras masculinos e a mulher tem sido relegada ao seu papel biológico de mãe e constrangida à domesticidade, à casa e ao privado, até há poucas décadas atrás, por exemplo, não lhes era permitida a integração no mundo acadêmico.

De fato, como ficou evidente na discussão dos resultados alcançados, a mulher na arquitetura piauiense se manteve por décadas invisibilizada. Ressaltamos, assim, a importância desta pesquisa ao abrir um leque para uma investigação aprofundada de cada uma dessas personagens, e na continuidade do estudo, para a identificação de possíveis outras: nomear essas profissionais e seus projetos, registrá-los e conhecê-los é uma das importantes armas para a reconstrução do discurso tão masculino da nossa arquitetura. Monteiro (2016) ressalta a importância de um novo modo de olhar a profissão e, por

isso, a revisão da história é cada vez mais importante e pertinente. Diante de tantas questões a serem respondidas, este levantamento abre portas para a busca dessas respostas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Alcília A.; FEITOSA, Ana R. S. Negreiros. **Documentos da Arquitetura Moderna no Piauí**. 1. ed. Teresina PI: EDUFPI, 2010. v. 1. 280p.

ANTUNES, L. P. S. G. A arquitetura nunca mais será a mesma. considerações sobre gênero e espaço(s). **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 2–23, 2016. DOI: 10.20396/urbana.v7i2.8642600. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BALLARIO, C. **A mulher e o mercado de trabalho**. São Paulo: CREA-SP, 1997.

BEZERRA, N. **Mulher e Universidade**: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Anais da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Fortaleza, Ceará, 2010.

COSTA, N. A. S. **O moderno no urbano: reflexos de uma arquitetura escolar no patrimônio cultural de Teresina (1970-1985)**. Dissertação – (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, 2017.

DURAND, J. C. G. **Arte, privilégio e distinção**: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FEITOSA, Ana R. S. Negreiros; CARVALHO, R. M. **Acácio Gil Borsoi**: produção arquitetônica moderna em Teresina. 1. ed. Teresina, PI: 2017.

FERREIRA, Ana. **O feminino na arquitetura: mapeamento e Projeto Expositivo da contribuição das projetistas femininas do início do séc. XX à atualidade em Portugal e no Brasil**. Dissertação – (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2018. ESAD - Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos, 2019.

FONTES, M. L. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista**. Dissertação – (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2016.

FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.

LIRA, A. V. B. **Difusão da arquitetura moderna: a obra do arquiteto Antônio Luiz Dutra de Araújo em Teresina**. Dissertação – (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2018.

MONTEIRO, P. Mulheres Invisíveis. Princípios para uma reconstrução do discurso em Arquitetura. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 55–64, 2016. DOI: 10.20396/urbana.v7i2.8642604. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642604>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MOREIRA, A. C. **Teresina e as moradias da região central da cidade**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2016.

SÁ, F. C. **Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto na perspectiva das relações de gênero**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.

RUBINO, S. Mundo da arquitetura esconde mulheres, diz historiadora. **A folha de São Paulo**. São Paulo, 31 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/mundo-da-arquitetura-esconde-mulheres-diz-historiadora.shtml> Acesso em: 3 de fev. 2020.

SALVATORI, E. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão, 2008. **Arquitetura**, v. 4, n. 2, p. 52-57, jul./dez. 2003.

SALVATORI, E. De arquitetura e gênero no Rio Grande do Sul. **Conselho em revista – CREA RS**, Porto Alegre, p. 27, 31 jul. 2009.

SIMAS, T. B. DIAS, L. N., J. L. A. SILVA. Panorama do ensino público de Arquitetura e Urbanismo no Brasil em 2020. in: **The Journal of Engineering and Exact Sciences – jCEC**, Vol. 07 N. 01 (2021). Disponível em [file:///C:/Users/Nestor/Downloads/admin2,+12075-19OK%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Nestor/Downloads/admin2,+12075-19OK%20(1).pdf) Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUSA, L. G. **Arquitetura de feições brutalistas no Piauí: dez exemplares**. Dissertação – (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2018.